

## CONSIDERAÇÕES ACERCA DO SOFRIMENTO HUMANO A PARTIR DE SÃO TOMÁS DE AQUINO.

Paulo Faitanin

### Introdução

O sofrimento é *fenômeno* em nossas pequenas histórias de vida e coexiste conosco no mundo em todos os quadrantes terrestres. É *inseparável da nossa existência terrena*<sup>1</sup> e toca profundamente a alma na *dor moral*, angústia, medo e tristeza e o corpo na *dor física*, doença, fome, sede, frio, calor e morte. Quanto mais transcende à nossa compreensão e independe de nossa vontade, nos são mais interrogadores. Se somente os bandidos sofressem talvez não nos interrogássemos tanto, mas crianças morrem de câncer e se torna inevitável perguntar: *por quê?* E no fundo de cada *por quê?* Emerge a pergunta: *para quê?*

O suposto silêncio divino ante à questão acerca do sofrimento humano fortalece a hipótese dos que defendem que só a razão poderá respondê-la e de que o indiferentismo divino é prova cabal de sua limitação ou inexistência:

“Caso se admita um Deus todo-poderoso, a realidade do sofrimento leva a duvidar do seu amor. E, se se admite um Deus que ama, o sofrimento significa que Deus não é poderoso. Ora, um Deus que seja fraco ou que seja sem amor, não é Deus”<sup>2</sup>.

Só a razão não responde o *porquê* e o *para quê* do sofrimento humano. Ela falha ao depositar suas únicas esperanças na própria razão<sup>3</sup> e ao tratar o sofri-

---

<sup>1</sup> JOÃO PAULO II. *Salvifici Doloris*, n° .1.

<sup>2</sup> Isso é o que diz ALBERT CAMUS [1913-1960] que desenvolveu sua idéia em sua peça “O Mal Entendido” [1944] e pode ser resumida do seguinte modo: se o mal existe, Deus não existe, pois se Ele não intervém no problema do mal, se supõe que dessa não intervenção se conflagre o Seu silêncio, que em última instância é a Sua negação: CARVALHAES, C. *Albert Camus e o Cristianismo*. São Bernardo do Campo: UMESP, 1997. Ainda Dostoiévski em “Os irmãos Karamazov” diz: “Se o mal existe, Deus não existe”. VEJA: BETTENCOURT, E. “O porquê do sofrimento?”, *Pergunte e Responderemos*, n. 297 (1987), p. 62.

<sup>3</sup> Este pensamento apregoa que a cura do sofrimento humano passa por uma imunização racional mediante a aplicação em sua vida de mensagens do Racional Superior, que restabeleceria o equilíbrio energético do corpo. Esta idéia é amplamente desenvolvida na obra *Universo em Desencanto*, de índole espírita.

mento como *problema* que requeira solução racional. A história conta-nos suas tentativas: a razão falha em sua resposta *mitológica*, ao delegar o fato do sofrimento à vontade dos deuses ou à dos heróis; é incompleta em suas respostas *filosóficas*, ao eliminá-lo atrofiando algo da natureza humana [*estoicismo*], ao negá-lo como se não existisse [*hedonismo*], ao aceitá-lo como castigo que necessita purgação em sucessivas vidas [*neoplatonismo* e *espiritismo*], ao substituí-lo na busca do bem útil proporcional [*utilitarismo*, *pragmatismo*] ou sublimá-lo confinando-o na mente [*idealismo* e *psicologismo*], ao assumi-lo em sua tragicidade [*existencialismo*, *niilismo*] ou amenizá-lo frente uma esperança *científica* sem limites [*positivismo*, *tecnicismo*].

A razão falhará mesmo quando se aliar à fé, na tentativa de oferecer resposta *religiosa*, se esta crença for mal formulada ou se a razão apoiar-se em princípios que a conduzam ao erro ou ao engano: a filosofia do *budismo* falha ao eliminar o sofrimento, suprimindo o desejo; a do *hinduismo* ao propor sucessivas reencarnações; a do *islamismo* ao purgar-lo no corpo, a do *judaísmo* ao entendê-lo como castigo divino e mesmo a do *cristianismo*, ao equivocar-se na formulação da fé e na interpretação do *poder* e *providência* divinos, enfraquecendo a Onipotência ou diluindo sua Providência<sup>4</sup>.

Para penetrar esta questão é inevitável supor a *razão*, a *existência de Deus*<sup>5</sup> e a *moralidade* humana, pois negar Deus, promover a cultura racional e propor uma moral *científica*<sup>6</sup>, *legalista*, *irresponsável* ou *livre*, que se sustente na negação do outro<sup>7</sup>,

---

<sup>4</sup> LEPARGNEUR, H. *Antropologia do Sofrimento*. Aparecida: Editora Santuário, 1985, p. 28: “Se Deus pode e quer (eliminar o mal), mas não o faz, então ele é um carrasco”, escreve Roque Frangiotti. Concordamos com a pista sugerida pelo autor: o uso e o exagero que se faz da noção de poder todo-poderoso”; p. 131;219; JONAS, H. *Le concept de Dieu après Auschwitz. Une voix juive*. Paris: Payot-Rivages, 1994, p. 34.

<sup>5</sup> O filósofo alemão LEIBNIZ [1646-1716] para conciliar a existência de Deus e a evidência do mal neste mundo estabelece a teoria do melhor mundo possível: “A Sabedoria de Deus o conhece, sua Bondade o elege e o seu Poder o produz” [*Monadologia*, 55]. Para ele, se Deus permitiu o mal no melhor dos mundos possíveis foi para nos dar um bem ainda maior [*Teodicéia*, 119]. Embora seja uma tentativa de conciliar a evidência do mal com a existência de Deus, Leibniz se equivoca, pois se algo fosse o melhor dentre os possíveis, ainda assim seria contingente independente de que Deus o quisesse, pois seria criatura e Deus não poderia criar o melhor que não fosse ainda contingente, pois Deus não pode criar algo melhor que Deus.

<sup>6</sup> Como parece propor COMTE [1798-1857] dará solução suficiente.

<sup>7</sup> Para esta direção aponta o existencialismo do filósofo francês SARTRE [1905-1980] que reduz a causa do mal na existência do outro: *Entre Quatro Paredes* [1945], onde o diz que “não há necessidade da gradeira, o inferno são os outros”.

não o solucionará<sup>8</sup>, senão que acentuará ainda mais a *dolorosa tragédia* da vida, que nenhum pacto Faustino a livraria<sup>10</sup>. Então *como abordar o tema do sofrimento humano sem prescindir da razão, de Deus e da moral?*

Para muitos é imprescindível a *razão* e a *moral*, mas questionam se o é a *existência de Deus* e perguntam, supondo sua existência: *que resposta daria Deus ao sofrimento humano?* Diríamos que Deus não responderá eliminando quaisquer sofrimentos desta vida, mas proporrá um caminho para transfigurá-lo em amor, dando-lhe sentido e compreensão, segundo os insondáveis desígnios de Deus. *Mas, como se dá a penetração na compreensão do sofrimento segundo a resposta de Deus?*

Dá-se na aceitação de Deus como Sumo Bem, que não cria o sofrimento, nem o predestina a ninguém<sup>11</sup>, que não ama ver os homens sofrer, que não é masoquista, mas que o permite para o próprio bem do homem. *Poderá a nossa razão interrogar os desígnios da bondade e providência divina?* Não! Pois, se pudéssemos interrogá-lo, Deus já não seria mais Deus e não necessitaríamos d'Ele para tal [Jr 12, 1-5; Jó 38, 2: 'Quem é esse que obscurece meus desígnios com palavras sem sentidos?'; Sl 10, 22-25]. Mas, aceitando tudo isso *o que prova o comprometimento divino*

---

<sup>8</sup> Tem sentido a existência de Deus ante o sofrimento, pois “Se o martírio de inocentes é tão grave, é porque Deus existe e é vítima juntamente com o inocente”: LATOURELLE, R. “Mal”, in: *Dicionário Teologia Fundamental*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p.565.

<sup>9</sup> O filósofo alemão NIETZSCHE [1844-1900] tentou eliminar Deus com o intuito de amenizar o sofrimento. Contanto anuncia a morte de Deus [*Gaia Ciência*], a fim de invocar uma nova moralidade para além do bem e do mal [*Genealogia da Moral*], na medida em que reduz o poder humano na realização de sua vontade [*Vontade de Poder*]. Mas o homem descobre – como o próprio Nietzsche assevera – que não pode tudo o que quer...eis então a náusea da existência...assim o homem se encontra só e vê que o mundo não tem sentido, embora se veja impelido a aceitá-lo...e nisso se evidencia o pessimismo humano [*Humano, demasiadamente humano*] e já não lhe resta, senão o nada: o *niilismo*. Eis a consequência da trágica negação de Deus e da moralidade humana. Há que distinguir o *niilismo* de Górgias do de Nietzsche: Górgias sustentara que nada existe de absoluto [segundo SEXTUS EMPIRICUS, *A dv. Mathem.*, VII, 65] e Nietzsche afirma que não existe qualquer verdade moral ou hierarquia de valores, supondo antes a negação de Deus.

<sup>10</sup> Sirva-nos de exemplo o trágico poema de GOETHE [1749-1832] *Fausto*, em que narra a vida de um homem das ciências que, desiludido com o saber do seu tempo faz um pacto com o demônio, Mefistófoles, vendendo-lhe a alma para receber em troca o conhecimento. Contudo, com este bem lhe adveio também o sofrimento na forma de obsessão e angústia, cegando-lhe para tudo demais: GOETHE, J.W. *Fausto*. Madrid: Millenium, p. 70.

<sup>11</sup> O pensador francês VOLTAIRE [1694-1778] afirma que ‘os homens nasceram para serem devorados pelo sofrimento’. Contudo, mesmo ante as vicissitudes da vida vê a necessidade da existência de Deus, pois negá-Lo é mais absurdo do que a absurdidade de um mundo sem Deus [*Éléments de la Philosophie de Newton*, I, 1].

*com o sofrimento humano?* O seu amor pelo homem revelado na morte expiatória de seu Filho<sup>12</sup>: com Cristo Deus tornou-se cúmplice de nossas dores, divinizando-as: *Cristo são as lágrimas de Deus pela dor humana e a alegria e a esperança de que encontremos em Cristo a cura e a resposta para o sofrimento.*

Como se vê, a resposta que procede do concílio da razão com a fé bem formulada é *pedagógica* e *soteriológica*: Cristo – única Palavra que penetra, responde e revela a verdade do sofrimento humano ao homem, na aceitação e compreensão da dor pela *paixão de Cristo*, completando na carne o que faltou à paixão de Cristo [CI 1,24]. *Então, como entender o sofrimento humano?* Não como *problema*, mas como *mistério salvífico* que supõe o empenho da razão e depende para penetrá-lo do auxílio da graça<sup>13</sup>.

*Mas em que tipo de mistério se encontra o sofrimento humano?* No *mistério da iniquidade humana* [2Ts 2,7]. Mas, *qual é este mistério?* É o do pecado original<sup>14</sup>, em que se narra que Deus criou o espírito humano dando-lhe vida, graças e dons, que seriam comunicados pelo espírito ao corpo, por cuja comunicação o elevaria à perfeição da incorruptibilidade e imortalidade do espírito, para assim juntos, corpo e alma, habitarem a morada celeste, gozando de vida plena sem privação, na contemplação de Deus.

Mas a *insídia*<sup>15</sup> do demônio o fez rebelar-se<sup>16</sup> contra Deus e afastar-se d'Ele e o homem livre e consorte às mentiras demoníacas deixou-se seduzir em sua ação pelo desejo de igualar-se a Deus, clamando injustamente para si o mérito do que não devia, privando-se da presença de Deus e dos bens espirituais que havia recebido gratuitamente e sem mérito e não mais respondendo à prerrogativa di-

---

<sup>12</sup> François Varone nega a morte expiatória de Cristo: VARONE, F. *Esse Deus que diz em gostar do sofrimento*. Aparecida: Editora Santuário, 2001, p. 86; 110.

<sup>13</sup> KREEFT, P. *Buscar sentido no sofrimento*. São Paulo: Loyola, 1995, p.61.

<sup>14</sup> O pecado do primeiro homem foi transmitido aos posteriores: q.4, a.1, c; por uma desordem do espírito acarretado na concupiscência: q.4,a.2,c; por isso é pecado da alma vertido para a carne: q.4, a.3,c; e atingiu não só as potências, mas, também, a essência da alma: q.4, a.4,c; e se deu primeiramente na vontade: q.4, a.5, c;

<sup>15</sup> A insídia é o pecado de soberba e orgulho que fundamenta a inveja. É o querer ser como Deus, ser senhor de tudo que lhe identifique o seu querer. Mas não quiseram servir ao Querer de Deus, quando o Querer de Deus seria a única e máxima perfeição que poderiam querer.

<sup>16</sup> O diabo instiga interiormente persuadindo e dispondo para o pecado, mas não faz o pecado: *DE MALO*, q.3, a.4, c. O diabo não é propriamente causa do pecado, senão pelo modo de persuasão: *DE MALO*, q.3, a.3, c. De fato, não foi Deus que abandonou o homem à sua sorte, mas o homem, que preferindo a si mesmo, abandonou a Deus, fechando-se à Sua graça.

vina, cuja conseqüência foi o pecado na relação *espírito-Deus*; a morte na relação *alma-corpo* e o sofrimento na relação *corpo-mundo*.

A tradição *judaico-cristã* assim explica tal mistério: o sofrimento humano é efeito da oposição ao bem e desobediência a Deus [Gn 2-3; Hb 12, 7s: ‘É para vossa educação que sofreis’]. A tradição *greco-romana* também concebeu o sofrimento como conseqüência do mal moral e o entendeu, não raro, como pedagogia para o crescimento humano: páthos-máthos [*sofrer para aprender*]<sup>17</sup>. Na latini-dade cristã é unânime a compreensão do sofrimento como conseqüência do pecado, que é mal moral<sup>18</sup>. Mesmo em nossos dias se atrela o sofrimento ao mal<sup>19</sup> e é, por excelência, uma questão moral.

A razão somente encontra ‘razões’ para responder o *porquê do sofrimento humano* quando penetra com o auxílio da graça no *mistério da iniquidade humana* e, ali estando, logra penetrar no *mistério da piedade divina* [1Tm 3,16; Catecismo da Igreja Católica, n° 385], que alenta a resposta do *para quê do sofrimento humano*. Mas, o que é o *mistério da piedade divina*? É o da misericórdia divina para com o homem, criatura que Ele quis por si mesma, revelado como exorta o Papa João Paulo II na cumplicidade do seu amor pelo mistério da encarnação, morte e ressurreição de seu Filho: Cristo<sup>20</sup>, O Verbo encarnado que é a única *palavra* que responde a ver-

---

<sup>17</sup> “Júpiter abriu aos homens as vias da prudência, dando-lhes esta lei: sofrer para aprender” [Esquilo, Agam. 177. Heródoto declarava: “Meus infortúnios são lições (pahémata mathémata)” [I, 207]. Nestes dizeres se traduz com clareza a idéia de que o sofrimento purifica e educa o homem em seu contexto moral.

<sup>18</sup> Já temos visto que Agostinho considera o mal por excelência moral. Mesmo na literatura medieval, como na de DANTE [1265-1321], vemos plasmada esta aproximação do mal à dimensão moral: “A razão vos é dada para discernir o bem do mal” [*Purgatório*, XVI, 75].

<sup>19</sup> Mesmo em literatura Moderna de primeira linha, como a de DOSTOIÉVSKI [1821-1881], célebre escritor russo, encontramos a expressão de que o mal que se origina da alma humana tem maior envergadura do que qualquer outro mal. Ele nos diz em seus *Diários*, que em “nenhuma ordem social é possível escapar ao mal e mudar a alma humana: ela própria é origem da aberração e do pecado”: EVDOKIMOV, P. *Dostoiévski et le problème du mal*. Bruges-Bruxelles-Paris, 1978. Antes de DOSTOIÉVSKI o mesmo fora dito pelo teatrólogo britânico SHAKESPEARE [1564-1616], quando sentenciou, que “não existe o bom ou o mau; é o pensamento que os faz assim” [*Hamlet*, II, 2, 259]; THOMSON, O. *A assustadora história da maldade*. São Paulo: Ediouro, 2002.

<sup>20</sup> JOÃO PAULO II, *Cruzando o Limiar da Esperança*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1995, p. 71. O Papa João Paulo II, na Exortação Apostólica “A Dor salvífica” e depois em *Cruzando o Limiar da Esperança*, ressalva esta pedagogia: à questão de Vittorio Messori, propõe penetrar no mistério do sofrimento humano, pelo mistério da cruz: *Como se pode continuar confiando em um Deus que é Pai Misericordioso...que é o próprio A mor, diante do sofrimento, da injustiça, da*

dade do sofrimento humano, de como a dor se transfigura em amor e o amor em remédio para a cura e redenção humana [III, q.46, a.4].

Eis a exigente e paradoxal<sup>21</sup> resposta cristã: o sofrimento não é *problema* que a razão solucione, é parte do *mistério da salvação humana*, que a razão penetra à luz do auxílio divino, que revela ao coração humano *o seu mistério de piedade*, dando-lhe sentido, conforto e cura: eis sua função pedagógica e soteriológica. Por quê o sofrimento? Responderemos pautados no *mistério da iniquidade humana*: por causa do pecado! E à pergunta: para quê o sofrimento? Responderemos pautados no *mistério da piedade divina*: para redimir o pecado! Tentaremos a seguir expor a raiz do sofrimento humano segundo Tomás de Aquino [1225-1274] a partir de suas doutrinas *antropológica* e *teológica* apresentadas na *Suma Teológica*, I-II, q.35-39 e na III, q.46-50, buscando sempre dialogar com o pensamento contemporâneo.

### **Antropologia do sofrimento**

No homem, *como o intelecto sofre?* O próprio do *intelecto* é saber [*saborear*] a Verdade. Os latinos sabiam muito bem da força da palavra *intus-legere* [daí originou-se *intellectus* - intelecto] como a ‘capacidade de ler internamente’ a natureza das coisas, sua lei, seu princípio, ascendendo progressivamente até a *leitura, posse e contemplação* do Ser supremo, que é a Verdade para a qual o intelecto naturalmente se ordena. Mas, com o pecado, o pai da mentira semeou no intelecto o orgulho, que entronizou a desordem, a mentira, o erro, o engano, a ignorância, a malícia e a escuridão, dificultando-o avançar, mediante a graça – que é luz para o intelecto – nas leituras profundas ‘do livro da sabedoria divina’.

*Há no homem a capacidade de ressentir o sofrimento?* A *consciência* é no homem estado de percepção de si, em si e para si, mediante o qual ele tem ciência do que lhe é necessário e supérfluo, do que deve entender e querer, de como deve agir e omitir, do que lhe é bom para a natureza e do que não é<sup>22</sup>. É o modo pelo qual o

---

*doença, da morte, que parecem dominar a história universal do mundo, e a pequenina, cotidiana história de cada um de nós?* Nos diz que: “Deus não é alguém que se acha fora do mundo, contente em ser em Si mesmo o mais sábio, o onipotente. Sua sabedoria e onipotência se põem, por livre escolha, a serviço da criatura. Se na história humana está presente o sofrimento, compreende-se porque Sua onipotência se manifestou *com a onipotência da humilhação mediante a cruz*. O escândalo da cruz é para sempre a chave de interpretação do grande mistério do sofrimento, que pertence de modo quase orgânico à história da humanidade”.

<sup>21</sup> Por *paradoxo* entendemos aqui a opinião não contraditória, mas contrária à opinião comum.

<sup>22</sup> Nenhuma consciência de sofrimento supera, nesta vida, a da morte. A *morte*, como veremos, é a evidência humana de uma experiência única, irrepetível e incomunicável. Seremos nós

homem ressentente a presença e a experiência do sofrimento<sup>23</sup>. Isso não significa reduzir o sofrimento a um estado de percepção da consciência, embora sua percepção o requeira<sup>24</sup>. A dor não deixa de existir no leão que padece com fome. Contudo, pela ausência de consciência este animal padece menos que uma pessoa humana, por exemplo, uma mãe, que, tendo consciência, sofre muito mais quando vê seu filho morrer de fome<sup>25</sup>, sublimando a dor que sente, sem deixar de sofrer.

*Como no homem agem os instintos e a vontade frente ao sofrimento?* Ao observarmos os *instintos*<sup>26</sup> nos animais vemos que isso neles não os toraram mais perfeitos em suas respectivas naturezas, para além do que lhes ordenam os instintos em cada espécie: a abelha faz o mel como sempre o fez, a aranha tece a teia como sempre a teceu, o leão caça a zebra como sempre o fez. Mas, há no ser humano além dos instintos, uma capacidade de aperfeiçoar a sua atuação<sup>27</sup>, uma *tendência*

---

mesmos as únicas testemunhas desta experiência inevitável. *TA* atesta o teor desta experiência pelo fato da corruptibilidade do corpo, mas ressalta que isso não é o fim, pois a alma é imortal [*Sum. Theo.* I-II, q.85, a.6].

<sup>23</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Th.*, I-II, q.35, a.1. Mesmo quem pratica o mal e sente prazer em cometê-lo, não tarda ressentir em sua natureza, como anel na cera, tão logo termine o prazer, a privação do mesmo; e, como consequência, se lhe manifesta o sofrimento, a dor. Poderá não ter a devida consciência de que tal dor é efeito inevitável do mal cometido, mas, jamais poderá negar não haver sentido dor por privação do prazer sentido.

<sup>24</sup> O mal que se padece e suas consequências não são invenções da consciência, mas aquilo que torna possível sua percepção. Um leão não tem ciência alguma de cometer mal, ao tirar a vida de outro leão ou de uma zebra. Um vírus não se frustrará ao levar à morte o hospedeiro. Embora haja dor e sofrimento no mundo, somente quando se tem consciência do que é o bem e o mal, se poderá, verdadeiramente, ressentir suas consequências.

<sup>25</sup> A ausência de consciência reduz a dor a nível biológico. A presença da consciência supõe além da dor biológica, o sofrimento moral e psicológico. E pode ser que a dor psicológica seja proporcionalmente mais intensa do que a dor biológica e muito mais ainda a dor moral.

<sup>26</sup> Por 'instinto' entendemos a tendência inata, impulsiva e hereditária de um vivente a atingir determinada meta. Sem aprendizagem, os animais se voltam para certos objetos em termos certos e corretos, de modo que, desde os seus primeiros dias de existência, sabem encaminhar-se para o exercício de suas funções vitais e para a sua autodefesa frente aos empecilhos ou adversários. Os instintos humanos, em si mesmos, não são maus e nem depõem contra a vontade. Contudo, com o pecado, instaurou-se a desordem dos instintos, dos desejos e dos sentidos: a *concupiscência*. E na desordem a vontade não logra ordenar os ímpetus inferiores, em consequência, o homem torna-se menos apto pela liberdade, para arbitrar adequadamente acerca do bem e da verdade desejados.

<sup>27</sup> Não se nega certa evolução dos instintos dos animais. O que se constata é que a evolução é adaptação ao meio. O instinto não se tornou pensamento, embora alguns tenham se valido

*natural*<sup>28</sup> de agir conforme um fim que seja um bem para a natureza, diferindo-o em sua ação dos demais seres e permitindo-o aperfeiçoar a própria natureza, mediante sua vontade e ação. É a *vontade* esta tendência a desejar o bem e é o *livre arbítrio* sua capacidade de escolher e decidir, para além do que lhe aponta os instintos e as paixões humanas<sup>29</sup>.

*O homem é livre para não sofrer nesta vida?* Não! Mas, o é para sofrer na outra vida. A *liberdade*<sup>30</sup> é, pois, a capacidade que o homem tem de ser senhor de suas próprias ações<sup>31</sup>, pela qual pode querer e não querer, fazer e não fazer, estando a razão disso no próprio poder da razão<sup>32</sup>. É hábito oriundo do apetite intelectual, que o impele à busca da verdade e do bem na escolha. Este apetite que procede do *intelecto* se manifesta pela *vontade* e se realiza na *escolha* [ato que realiza e atualiza o apetite intelectual da verdade e a potência volitiva do bem]. O homem não é livre porque escolhe, mas escolhe por ser livre, pois a liberdade não está na escolha, embora se realize nela... e quanto mais se é livre na escolha, menos escrava é a liberdade.

*Qual a atitude moral pode o homem tomar diante do sofrimento?* O homem não é responsável por tudo o que padece, mas por sua responsabilidade pode vir a

---

desta palavra para assegurar a evolução dos instintos nos animais: JÜRGENS, U. “Neural pathways underlying vocal control”, *Neuroscience and Biobehavioral Review*, n.º.26, (2002), p. 235; FITCH, W.T. “The evolution of speech: a comparative review”, *Trends in Cognitive Sciences*, n.º.4, (2000), p. 258; LEBLANC, P.O. “Las neuronas de espejo y la origen del lenguaje”, *Divergencias – Revista de Estudios Lingüísticos y Literarias*, vol. 2, n.º.1, 27-41.

<sup>28</sup> Charles Darwin, ao término do seu *Origen das Espécies*, entende que esta capacidade ou tendência surge da batalha natural, da luta contra a fome e a morte; e, uma vez na posse disso, o indivíduo se torna superior. DARWIN, C. *Origen das Espécies*. Rio de Janeiro: Villa Rica, 1994, p. 352. Não opinamos que esta tendência própria do homem seja o resultado desta batalha natural, porém um princípio ôntico inato ao homem e anterior ao próprio embate natural, mas que só se manifesta nele, que se aperfeiçoa nele, porém não tem a sua origem dele. Portanto, a tendência humana que o difere dos demais animais não é o resultado de uma superação, mediante a seleção natural, mas é algo próprio do homem que se emerge e se evidencia, no interior do próprio embate natural.

<sup>29</sup> O padrão de orientação da vontade na escolha é a inteligência e não os instintos e as paixões. Estando o homem pré-determinado a escolher o que deseja enquanto desorientado pelo instinto e pelas paixões, se torna mais escravo da escolha pré-determinada. Torna-se menos livre ao escolher.

<sup>30</sup> O homem tem livre eleição dos seus atos e não escolhe por necessidade: q.6, art. único, c.

<sup>31</sup> MONDIN, B. *Dizionario Enciclopedia del pensiero di San Tommaso d'Aquino*. Bolgna: Edizioni Studio Domenicano, 2000, p. 63.

<sup>32</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Th.*, I-II, q.13, a.6, c.

compreender como, porque e para que padece. Se só a pessoa é capaz de autodecidir-se, só ela mesma é *responsável*<sup>33</sup> por suas decisões, pois é a única realidade capaz de responder por aquilo que ela mesma livremente escolheu, já que nenhuma outra pessoa poderá decidir por ela o que lhe pertence como livre escolha. Por isso, nenhuma realidade poderá outorgar para si, o que é próprio, exclusivo e autônomo da pessoa humana.

## Epistemologia do sofrimento

*Mas o que significa sofrimento humano? Sofrer é padecer! É a alma que sofre, mesmo quando o corpo padece. Se sofrer é padecer: que tipo de padecimento é o sofrimento? Há duas categorias de padecimento na alma: (1) positivo: padecer algo bom na alma – virtude e graça ou no corpo – saúde e perfeição; (2) negativo padecer algo mau por aquisição – na alma: vício, ódio, ignorância ou no corpo: cegueira, surdez; ou por privação – na alma: virtude, amor, e sabedoria ou no corpo: visão, audição. O sofrimento é padecimento que priva a natureza de algum bem. Por isso, o sofrimento é paixão da alma: (1) enquanto mera recepção própria da alma: como o sentir e o compreender são, de certo modo, padecer; (2) enquanto recepção acompanhada de exclusão na matéria por transmutação corporal: (a) para melhor, quando o corpo de um animal é curado e recebe saúde, sendo a doença eliminada ou (b) para pior, quando o corpo de um animal é doentio e recebe doença, sendo a saúde eliminada<sup>34</sup>. Portanto, o sofrimento é paixão da alma enquanto é efeito da privação de algum bem na natureza.*

*Quais os tipos de sofrimento? Vimos que a alma pode padecer algo bom ou mau; mas, o que a alma padece se traduz em dor ou prazer: Em prazer quando se dá o contentamento da alma pelo padecer algo bom e em dor quando se dá o sofrimento da alma pelo padecer algo mau. Mas, há dois tipos de sofrimento: dor moral [culpa pelo pecado]<sup>35</sup> e dor física [pena]. A dor física pode ser natural [prevista se-*

---

<sup>33</sup> Por *responsabilidade* entende-se aqui a possibilidade de prever os efeitos do próprio comportamento e de corrigi-lo com base em tal previsão. O niilismo, o existencialismo, o utilitarismo e o hedonismo anulam a responsabilidade moral, pois não consideram o valor do homem em si mesmo, pois ou o nega [niilismo], ou o radicaliza na existência [existencialismo], ou o subordina ao útil [utilitarismo] ou ao prazer [hedonismo]. Independente de tudo o ser humano é responsável por natureza, porque é livre por natureza.

<sup>34</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Th.*, I-II, q.22, a.1, c.

<sup>35</sup> A dor moral original que é dor de culpa e é efeito do pecado original que, ainda que apagado pelo Batismo, deixa seus efeitos na carne, ou seja, a dor física que é dor de pena. Pode haver dor física que não seja consequência da dor moral: a cegueira de nascença é dor física, mas não

gundo a limitação da matéria] ou *penal*, [padecida por conseqüência da dor moral]. *Que nome melhor traduz o sofrimento?* Responderemos: *dor!* Pois o sofrimento é o padecer por certa *dor*, dor no corpo ou na alma. Por isso, em *TA* sofrimento é sinônimo de dor. *A história do sofrimento humano será a própria história do mal na humanidade e a história deste mal será a própria história do pecado.* Pautados no anterior podemos dizer que *o sofrimento é padecimento de dor pela alma, em razão da privação de bens espirituais ou corpóreos que a limita e a priva de alcançar alguma perfeição devida.*

## Ontologia do sofrimento

*O sofrimento é natureza ou algo que padece a natureza?* O sofrimento não é natureza, pois natureza se diz do que é *ser*, mas o sofrimento não é ser, senão *padecimento do ser*, portanto não tem propriamente natureza<sup>36</sup> e não pode ser identificado com nenhuma natureza: nem com o demônio!<sup>37</sup> *O sofrimento ou a dor não é natureza, mas paixão da alma, enquanto padecimento que exclui algo de bom para a natureza*<sup>38</sup>.

---

é dor de pena, conseqüente da dor de culpa do pecado original. Portanto, a dor de pena é conseqüência da de culpa, mas nem toda dor física é dor de pena, enquanto conseqüente da dor de culpa.

<sup>36</sup> *DE MALO*, q.1, a.1, c. Prova de que o sofrimento não é a natureza humana, mas conseqüência accidental de privação de algo que convém à natureza é que o sofrimento sempre nos é muito estranho; que o homem naturalmente nunca o identifica com o seu ser e que o homem sempre busca sua origem para fora de si, como quando diz: ‘Herdei estas dores de minha avó!’ ‘Adquiri e habituei-me com este vício no convívio social!’ ‘Ele herdou o mau caráter do pai!’ ‘Olha! Ele é violento como o avô!’ ‘Sofro porque matei e matei por necessidade e porque fui provocado e esta foi a única opção que a minha família e a sociedade em que vivo me possibilitou’ – poderá dizer um homicida.

<sup>37</sup> Tanto no *AT* quanto no *NT* o Bem é identificado com Deus e, o mal, com a privação de Sua presença, enquanto isso se dá por aversão e revolta. Satanás pouco a pouco vai sendo interpretado como semeador do mal, perversor, opositor e mentiroso, mas não como uma substância do mal, que mede forças com Deus, já que o mal não existe enquanto substância e nem mede forças com Deus. No Cristianismo, no *Novo Testamento*, a narrativa da expulsão dos demônios [Mt 8, 28-34; Mc 5, 1-20; Lc 8, 26-39] e a expulsão de Belzebu por Cristo [Mt 12, 22-29; Mc 3, 22-27; Lc 11, 14-23] identifica na Pessoa de Cristo o Bem e na atividade satânica o mal. Contudo, há que esclarecer que satanás ao ser identificado como disseminador do mal, da privação da presença de Deus, ele mesmo não deve ser entendido como a *substância do mal*, nem a *personificação do mal* [RUSSEL, J. B. *Lúifer. O Diabo na Idade Média*. São Paulo: Madra, 2003, 17], já que o mal não tem e não é nem substância, nem ser pessoal [BALDUCCI, C. S.J. *O Diabo “...vivo e atuante no mundo”*. São Paulo: MIR Editora, 2004, 76-78]. Também pré-anunciam a vitória de Cristo sobre o maligno, cuja vitória final se dá no Madeiro, com a agonia e morte de Jesus Cristo [Mt 27, 45-50; Mc 15, 33-37; Lc 23, 44-46 e Jo 19, 28-30]. Só há natureza boa e não

*Qual é a causa do sofrimento?* Já vimos que o sofrimento não é natureza, mas tem causa: *o mal moral que é o pecado, enquanto é privação de qualquer bem temporal ou espiritual*<sup>39</sup>. O sofrimento é inerente à condição do pecado: com a diferença que com Deus o sofrimento tem sentido transcendental e sem Deus terminal. Deus não é causa do sofrimento, porque não é causa do mal, mas *permite* que o homem o padeça, enquanto isso lhe sirva de remédio e restauração do bem perdido, porque Ele é suficientemente poderoso e bom para tirar o bem do próprio mal e sofrimento que o homem padece<sup>40</sup>.

A quem pergunta por que o poder de Deus não impediu, por algum milagre, o pecado do primeiro homem, e com isso, o seu sofrimento; pode-se responder que Ele se preparava a compensá-lo sobejamente por um milagre mais estupendo<sup>41</sup>. Enfim, Deus jamais teria permitido a queda do homem e o seu sofrimento, no mesmo instante divino e eterno não tivesse previsto a Redenção e a felicidade<sup>42</sup>.

*Quais os efeitos do sofrimento?* A iniquidade humana foi profundamente sentida na natureza do homem e o seu efeito deitou raízes no próprio modo de ser da natureza – *sofrimento moral* – refletindo-se diretamente em seu corpo – *sofrimento físico* – na medida em que lhe privou do bem e perfeição necessários para que pudesse chegar a ser aquilo para o qual fora criada<sup>43</sup>. A dor corpórea advinda da

---

má. SANTO AGOSTINHO sintetiza dizendo: “nenhuma natureza é má e esse nome indica apenas a privação do bem” [*De civitate Dei*, XI, 22] e diz ainda: “todas as coisas são boas, e o mal não é substância, porque se fosse substância seria bem” [*Confissões*, VII, 12]. Para Agostinho, o mal não é propriamente uma natureza, mas corrupção dela. Uma natureza má seria uma natureza corrompida, mas não seria má enquanto natureza, e sim naquilo em que se degenerou [*De natura boni*, XVII]. Mais próximo à definição agostiniana está a de BOÉCIO [480-525] que em sua *Consolação da Filosofia*, III, 12, diz que “o mal é nada, porque não o pode fazer Aquele que pode todas as coisas”. Na Escolástica SANTO ANSELMO [1033-1139] evoca a doutrina agostiniana em *De casu diaboli*, 12-16. À exceção do Judeu MAIMÔNIDES [1135-1204] interpreta o mal como não ser e privação em seu *Guia dos Perplexos*, III, 10. Já em PLÍNIO, O Velho [†79 d.C], encontramos uma intuição metafísica brilhante: ‘malum quidem nullum esse sine aliquo bono’ – Não há nenhum mal que venha sem algum bem. [*Naturalis historia*, 27, 3, 9]. Portanto, se o sofrimento é consequência do mau moral, o sofrimento não existe como natureza, mas é padecimento do modo de ser da natureza.

<sup>38</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Th.*, I-II, q.35, a.1.

<sup>39</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Th.*, I-II, q.36, a.2; a.4, ad1.

<sup>40</sup> BETTENCOURT, E. “O porquê do sofrimento?”, *Pergunte e Responderemos*, n. 297 (1987), p. 63.

<sup>41</sup> JOURNET, CH. *Le Mal*. Paris: Desclée de Brouwer, 1961, p. 284.

<sup>42</sup> BETTENCOURT, E. “O pecado original”, *Pergunte e Responderemos*, n. 86 (1967), p. 61.

<sup>43</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Th.*, I-II, q.37, a.1-4.

desordem dos desejos: pela concupiscência; a dor moral da alma advinda da desordem da vontade: pela malícia<sup>44</sup>, pelos vícios capitais<sup>45</sup>; do intelecto: pela ignorância<sup>46</sup>, pelo orgulho, e pela morte<sup>47</sup>. *Os efeitos do sofrimento: na alma: a tristeza e suas espécies – a acídia, a ansiedade, a angústia, a misericórdia e a inveja; no corpo: a dor e suas espécies – fome, sede, enfermidade e a morte.*

## Escatologia do sofrimento

*Qual é o remédio para o sofrimento?* TA aponta alguns remédios que se não curam, ao menos apaziguam a dor durante esta vida: para a dor da alma: as lágrimas, os amigos e a verdade e para a dor do corpo: certos prazeres honestos que aliviam o mal e repousam no bem, o sono, o descanso e as medicinas<sup>48</sup>. *É a morte o cume do sofrimento humano desta vida?* Devido à sua capacidade de consciência, a morte aparece ao homem como máxima evidência do mal. Contudo, a morte não é, para o homem, a consumação ou a personificação do mal<sup>49</sup>. Ela é o efeito da privação de um bem para a natureza, que causa a corrupção do corpo, mas não se destrói plenamente a natureza<sup>50</sup>. Neste sentido podemos responder *não*, se a morte não significa salvação, mas *sim* se ela significa a última *esperança* depois de uma vida santa, consciente do sofrimento por amor, para a libertação do sofrimento<sup>51</sup>.

---

<sup>44</sup> DE MALO, q.3, a.12, 13, 14, c.

<sup>45</sup> Dizem-se capitais por serem cabeças de todos os outros q.8, a.1, c; e são sete: *soberba* q.8, a.1, c; *inveja* q.10, a.1-3; *preguiça* q.11, a. 1-4; *ira* q.12, a. 1-5; *avareza* q.13, a.1-4; *gula* q.14, a.1-4; *luxúria* q.15, a.1-4.

<sup>46</sup> A ignorância é pecado. Ela se distingue do *nescientia* [nécio] e do erro: o nécio é o que desconhece e nega a ciência; o ignorante é o que desconhece o que deveria conhecer e o erro é afirmar o falso por verdade. A ignorância pode ser considerada de três modos: em si mesma, não é culpa, mas pena [neste caso pode aumentar ou diminuir o pecado: q.3, a.8.c.]; por comparação à causa, como a causa da ciência é a aplicação da alma à ciência, a causa da ignorância é a não aplicação da alma à ciência; comparado àquilo do que dela se segue, e deste modo é causa do pecado: DE MALO, q.3, a.7, c.

<sup>47</sup> Foi conveniente que diante da privação da visão divina o homem sofresse a pena do pecado: q.5, a.1,c; mas não pena dos sentido: q.5,a.2,c; e a morte é pena do pecado original: q.5, a.4,c.

<sup>48</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Th.*, I-II, q.38, a.1-5.

<sup>49</sup> Sobre este tema recomendamos: O'CALLAGHAN, P. "A Morte e a Esperança", *Communio*, 22 (2004), 263-284/285-306.

<sup>50</sup> Por isso, há que distinguir corrupção que é destruição de tudo o que é corpo [os minerais], de corrupção que causa a morte do que possui vida [plantas e animais], de corrupção que é morte da vida no corpo, mas que não é a destruição do que é a vida [homens].

<sup>51</sup> O'CALLAGHAN, P. "A Morte e a Esperança", *Communio*, 22 (2004), 263-284/285-306.

O homem é realidade dual [não dualista], se compõem de corpo e alma, duas substâncias incompletas em si mesmas, que só se completam quando unidas. A morte originalmente não é substancial, mas se lhe adveio acidentalmente como privação de algum bem. A morte é, pois, a corrupção do corpo que causa a separação da alma. *Neste sentido, a morte é no homem e não do homem.* E porque a morte não é natural à natureza humana, talvez resida nisso o fato de nossa consciência relutar contra a morte. Ele não deseja morrer porque adverte sua consciência a ânsia de eternidade.

Se a morte do corpo não é o fim do homem, contra isso prega o *consumismo*, pois vê sua rentabilidade ameaçada, se o homem acreditar no infinito; então é preciso fazer-lhe crer que ele não existe. A grande estratégia desta ideologia é promover no homem, enquanto o homem está vivo, este sucessivo interesse no fugaz, como se esse lhe fosse o seu 'infinito': *eterno enquanto dure*, já disse não menos equivocadamente o poeta. E se o homem crê, ele aposta e paga pelo bem estar e pelo novo, na posse do finito.

De fato, o novo fascina, mas não há algo novo que não se faça velho, e velho que não tenha sido novo. A novidade se esvai por entre os dedos num piscar de olhos, pois *tudo passa rapidamente, mas somente Deus não passa*, como nos atesta Teresa de Ávila. Mas isso nos faz recordar também a célebre sentença do filósofo grego Heráclito [545-485 a.C]: *tudo flui à maneira de um rio* [Frg. 40]. O afã de viver o agora produz num instante o medo de encarar o futuro e uma incessante fuga do passado. A síndrome do pânico nos atesta isso em nossos dias, pois se criam inclusive nos que não aderem a este consumismo, certo medo de encarar o futuro que a atualidade oferece. Cria-se a pseudo-ideia de que é necessário viver intensamente o 'agora': *aproveite o momento fugaz*. [*Carpe diem* - *Odes* de Horácio, 1,11,8].

*É o purgatório, após a morte, um estado que serve para curar o sofrimento?* Sim! Quis a justiça e bondade divina por sua amabilíssima sabedoria e misericórdia permitir um estado em que se permita à alma a expiação devida de sua culpa e pena: o purgatório, um estado para os que nesta vida não conseguiram purgar-se do pecado e dos efeitos do mesmo no espírito e na carne, em que se dá um período de purificação do espírito com respeito à culpa remanescente [*In IV Sent.* d. 21, q.1, a.1, sol.1]. Assim, pois, os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não estão completamente purificados, embora tenham garantida sua salvação eterna, passam, após sua morte, por uma purificação, a fim de obter a santidade necessária para entrar na alegria do céu [Catecismo, n° 1030-1032]. As penas do purgatório são de *dano* – que retarda a visão beatífica – e a do *sentido* – que atormenta a

alma com o fogo [*Id*, sol3]. A menor pena do purgatório supera todas as penas desta vida.

*O que é o inferno?* O inferno é o ‘lugar’ de cumprimento da pena eterna, pois a oposição ao bem eterno cabe um mal eterno [*C.Gent.* III, c.144]. A pena eterna não consiste simplesmente na privação da beatitude eterna, senão também na aflição eterna causado pelo tormento de outra criatura [*C.Gent.* III, c.145].

*Qual é a origem e causa do inferno?* Deus não inventa e cria punições para os homens que pecam. Deus não cria o pecado, o sofrimento e nem o inferno. Não é necessário que Ele delibere sobre a sanção que merecem os infiéis, pois esta se desencadeia normalmente, como simples consequência da desordem acarretada pelo pecador na natureza. Alheando-se a Deus, o homem coloca-se, pelo seu ato mesmo de se alhear, na mais dolorosa situação possível, porque contradiz à lei fundamental do seu ser: ser subsistente feito para Deus.

O inferno consiste neste tormento que é este estado de alheamento e de não reconciliação com Deus, que causa retorção e dilacerações subsistentes<sup>52</sup>. Assinala *TA* que a natureza humana é tal que ela só muda de disposição enquanto a alma está unida ao corpo e pode captar novas impressões por meio dos sentidos. Daí que a alma humana é mais perfeita quando unida ao corpo do que quando separada dele. Assinala o teólogo D. Estevão Bettencourt que se o réprobo mostrasse no inferno o mais leve desejo de voltar a Deus, seria imediatamente recebido pelo Pai do Céu<sup>53</sup>.

## **Teologia do sofrimento**

A pedagogia divina ensina que somente em Deus, pela cruz<sup>54</sup>, pelo compromisso moral na aquisição de virtudes, penetramos na ambiência do mistério do sofrimento humano, enquanto torna o homem dócil para a graça de Deus: único remédio salutar para a maldade e sofrimento humanos. A virtude dispõe, mas é a graça que corrige e cura. Nem Jesus, filho de Deus feito Homem, naquela madrugada no Getsêmani [Mt 26, 36-46] deixou de sentir em toda a sua força o pavor que a morte e o sofrimento inspiram ao homem; experimenta e exprime o desejo natural de escapar dela, embora o reprima pela aceitação da vontade do

---

<sup>52</sup> BETTENCOURT, E. “Correspondência miúda”, *Pergunte e Responderemos*, n. 37 (1961), p. 43.

<sup>53</sup> BETTENCOURT, E. “Correspondência miúda”, *Pergunte e Responderemos*, n. 37 (1961), p. 43.

<sup>54</sup> LATOURELLE, R. “Potere del amle e salvezza mediante la croce”, in: *L'uomo e i suoi problemi allá luce di Cristo*. Assisi, 1982, 338-363.

Pai<sup>55</sup>. Se Cristo tocou a nossa carne, nossas dores e sofrimentos se divinizaram, deixando de ser mera sanção ou punição, para ser instrumento de volta a Deus e purificação.

Para os que não crêem e negam sua existência a vida se torna inaceitável e inexplicável, não restando senão o nada e o pessimismo [*niilismo*], o viver a vida no que de bom ela lhes possa proporcionar [*utilitarismo, consumismo e hedonismo*], cujos sinais mais evidentes são o da *angústia* e, não raras vezes, o *suicídio*. Para os que crêem e afirmam a Sua existência não é absurdo afirmar que a penetração deste mistério suponha cultivar a constante presença divina [sacramentos, virtudes etc], justamente porque o sofrimento se deu por sua ausência. Ademais, isso não é contraditório, por termos sido criados à sua imagem e semelhança.

Enfim, *a aceitação do mistério da iniquidade humana, cujo efeito é o sofrimento humano, exige a penetração no mistério da piedade divina; pois o sofrimento humano clama a existência de um Deus que, somente sendo único e sumamente bom, explicaria o fato de, na gratuidade do Amor, sem eximir o homem de sua responsabilidade, ter-se tornado cúmplice do sofrimento humano, na doação da Pessoa do Seu Filho, à dor e à morte de Cruz, ara cura e redenção da dor humana.*

É escandaloso e paradoxal, mas não contraditório que Deus de Amor possa fazer isso em cumplicidade com a dor humana e que se exija o mesmo de nós a favor do outro, ante o sofrimento no mundo. A aceitação do sofrimento de Cristo por nós, como remédio salutar para a natureza caída, dispõe o homem, pela graça, a transcender a culpa, a pena e a dor e, pelas virtudes, a encontrar no modelo do novo Adão, o sentido da vida e do bem que é subjacente ao sofrimento humano.

---

<sup>55</sup> Sobre este tema recomendamos: MURILLO, J.I. *El Valor revelador de la muerte*. Pamplona: Cuadernos de Anuario Filosófico, n. 74, 1999, pp. 83-110 [A morte como acesso a Cristo].

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.